



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **A IDÉIA DE NATUREZA NO PENSAMENTO OCIDENTAL E AS SUAS REPERCUSSÕES NO IDEÁRIO CIVILIZATÓRIO CONTEMPORÂNEO**

**Breno Augusto Garcia Sales**

**Universidade Federal do Pará**

**slbreno@hotmail.com**

Neste *paper*, pretendo estabelecer um paralelo entre a idéia de “natureza” e a noção de “lugar”.

O objetivo dessa construção teórica é sugerir que, ao longo do trajeto filosófico-científico do pensamento ocidental, o conceito de “natureza” adquiriu a face de um universo totalizado e totalizador que talvez tenha obscurecido um projeto humano concreto diante da sua grandeza intangível. Em outras palavras, o Homem que vem mantendo com a natureza permutas múltiplas e complexas na vida cotidiana possivelmente tenha se invisibilizado em face das abordagens tão gerais a que foi submetido um dos conceitos que nos é mais caro. Enfim, a natureza fora tornado um “lugar” por boa parte dos filósofos e cientistas do ocidente, um lugar onde a ação humana parece não ter encontrado um cenário fértil para observar, imaginar, sonhar, transformar e ser transformado, ou seja, um cenário concreto onde o projeto antropológico possa se realizar não somente sob um ponto de vista instrumental, mas cognitivo, técnico, simbólico e espiritual.

A reflexão aqui desenvolvida se apóia especialmente em Simmel (1996), quando este ensaia sobre o nexo orgânico entre “natureza” e “paisagem”. Adicionalmente, também devemos esta formulação à De Certeau (1994), precisamente no pequeno trecho da “Invenção do cotidiano” em que o autor distingue os conceitos de “lugar” e “espaço”.

Para pensar a abordagem sobre a “natureza”, convidarei autores que discutem o conceito na história do pensamento ocidental e, a partir desse diálogo, procurarei sugerir



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

como os estudos por dentro e em volta desse tema foram marcados, pelo menos na maior do tempo, por um senso universal de unidade que a tudo abarca, deixando qualquer tentativa de visualização do que seja a natureza sempre a se perder no horizonte<sup>1</sup>.

Conforme frisado acima, a importância desta seção no conjunto do trabalho se explica pelo fato de acreditar que ela assenta as bases das idéias que desenvolveremos posteriormente. Quando traçamos alguns contornos da linha de orientação do pensamento filosófico e científico sobre a “natureza” e, no capítulo seguinte, sobre as “paisagens”, não queremos assumir que o Homem passou a ser visualizado concretamente somente com o advento do sentimento das paisagens e com isso querendo dizer que houve uma evolução qualitativa no desenvolvimento desses conceitos e de uma melhor elucidação do humano. Tal hipótese soa, no mínimo, anacrônica e etnocêntrica. Antes, acredito que, por vicissitudes das inquietações humanas – e talvez por uma influência importante dos princípios da ciência moderna, essas categorias floresceram e ganharam notável complexidade, a tal ponto que hoje poderíamos reunir uma série de referências sobre o tema e ainda incluir outros conceitos, como o de “ambiente”, por exemplo, e discutir os desdobramentos de cada um sob uma perspectiva descontínua ao longo do tempo.

#### A “NATUREZA” COMO “LUGAR”

“Unidade de um todo”, “unidade fluída do vir-a-ser”, “cadeia sem fim de coisas”. Esses são os termos cunhados por Simmel<sup>2</sup> para sugerir o que ele entende por “natureza”. Para o filósofo e ensaísta alemão, a natureza é, concomitantemente, a fonte e a aniquiladora ininterrupta de formas. É o “lugar” onde a arte ou o artifício não sobrevivem, assim como qualquer imagem fragmentada ou estratificada. Trata-se do reino do uno, que se exprime através da continuidade espacial e temporal.

---

<sup>1</sup> Estou ciente das limitações de estar tomando como referência para a discussão aqui apresentada comentaristas de filósofos e cientistas naturais que aqui e ali tratam sobre “natureza” e, além disso, comentários que são sínteses que obviamente apresentam todos os problemas de idéias resumidas e agrupadas no interior de uma introdução, capítulo ou artigo. Durante a pesquisa, tive acesso, por exemplo, a grande obra de Merleau Ponty – “Natureza” – mas não tive tempo e nem preparação teórica suficiente para estudar e discutir ainda que fragmentos de seu conteúdo neste trabalho.

<sup>2</sup> Ibid. p. 1



Aproximo a noção simmeliana de “natureza” do conceito de “lugar”, porque De Certeau<sup>3</sup> define “lugar” como sendo o cenário da ordem (independente de qual seja) na qual os entes se arrumam organizadamente e ali constroem relações de coexistência. Daí não existir a possibilidade de dois elementos ocuparem o mesmo “lugar”. O “lugar” pressupõe a distribuição dos seres em um dado universo, “*uns* ao lado dos outros” (grifos do autor), sendo que cada um possui um “canto” ‘próprio’ que o singulariza. Sendo assim, o lugar implica sempre uma “indicação de estabilidade”, entendendo-se estabilidade aqui não como algo fixo e imutável, mas como algo que persiste firmemente no tempo e no espaço com uma certa solidez.

Se examinarmos como a idéia de “natureza” vem se construindo no pensamento ocidental desde a antiguidade clássica até a contemporaneidade, veremos que a imagem de “unidade do todo” realmente nunca se perdeu, mesmo que este “todo” tenha assumido diferentes “papéis” no transcorrer da história e tenha sido criado e governado por diferentes entidades.

Entre os gregos, sob um olhar panorâmico, a natureza era vista como princípio inteligente, um animal racional com mente própria cujo atributo primeiro era a capacidade de governar a si mesmo e, secundariamente, influenciar os outros seres viventes. As criaturas, dessa forma, participariam psiquicamente da alma do mundo - através da *psyche* - e intelectualmente na atividade mental, além da sua organização física, por meio da *techné*. A natureza, para os filósofos helenos, era a *physis*, ou seja, o cosmos, o universo, a essência e o princípio de cada ser. A palavra *physis* tem como verbo correspondente *phyen*, que podemos traduzir por “crescer”, qualitativamente. Outro sentido de *phyen* é “tornar-se visível”. Nesse sentido, a vida orgânica e os processos “naturais” como nascer, crescer, reproduzir e morrer integram o corpo significativo da natureza (ou *physis*) para os “clássicos”. (Kesselring, 1992: 20-21; Collingwood, : 10)

No entanto, na concepção grega da natureza, a noção de *kyklós* parece ser a idéia mais marcante. *Kyklós* quer dizer círculo e toma parte na crença da natureza como processo circular, cíclico. Dessa forma, não há nada de novo a não ser a repetição de

---

<sup>3</sup> Ibid. p. 201



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

processos já ocorridos anteriormente. Para Aristóteles<sup>4</sup>, por exemplo, a *Physis* significava o princípio do movimento e repouso para todas as coisas do universo e, nesse processo cíclico da natureza, todo ser aspiraria ao seu lugar natural, o que remete a idéia de coexistência de elementos que é parte da definição de “lugar” de De Certeau<sup>5</sup>. Collingwood<sup>6</sup> ainda nos fala de um movimento regular e ordenado da natureza na visão dos gregos, o que pode lembrar a “indicação de estabilidade”, da qual também nos fala o autor de “A invenção do cotidiano”.

Em se tratando de Idade Média, tendo como ambiente de reflexão o ocidente cristão, a natureza não perde essa visão do organismo integral, totalizante e totalizada. Contudo, a natureza não é mais senhora de si mesma, isto é, deixou de ser a fonte de sua própria “existência” e auto-regulação. O que os filósofos gregos chamavam *physis* passa a ter agora uma força criadora, representada na figura de Deus que, portanto, antecedia a natureza e a governava. O Homem era um ser integrado a essa natureza, porquanto era criatura originada do criador<sup>7</sup>.

Já na primeira fase da idade moderna, especialmente nos séculos XVI e XVII, três aspectos são importantes para a compreensão da configuração da idéia de natureza: a herança teológica da idade média; a redescoberta da antiguidade, especialmente no século XV; a maior experimentação científica sobre a natureza, iniciada sobretudo no século XIII. A conjunção desses fatores concorrem, nesse primeiro momento, para um racionalismo antropocêntrico que substitui a unipotência divina pelo poder do próprio Homem, de modo que o protagonismo de Deus “cede” espaço a preponderância da explicação dos fenômenos da natureza via leis naturais. No início da era moderna, portanto, o ser humano aos poucos passa a se auto conceber como dominador e conhecedor-mor da natureza<sup>8</sup>.

---

<sup>4</sup> *Apud* Kesselring, op.cit. p. 22

<sup>5</sup> Op.cit.

<sup>6</sup> Ibid. p. 10

<sup>7</sup> Kesselring, ibid. p. 23.

<sup>8</sup> Não podemos deixar de lembrar a contribuição cartesiana para a construção desse ideário moderno, cuja divisão do universo em *res extensa* (corpos materiais – natureza) e *res cogitans* (mundo do pensamento) e do homem em um princípio transcendente de corpo/espírito, “jogou” o homem para fora da natureza no sentido de tornar a sua constituição substancial radicalmente diferente da constituição da natureza, já que



Na fase seguinte da era moderna, que remonta os séculos XVIII e o limiar do XIX, tanto Collingwood<sup>9</sup> como Kesselring<sup>10</sup> concordam que o “idioma” através do qual os cientistas usaram para falar da natureza foi a “evolução”. O primeiro autor discute o papel dos estudos históricos para a consolidação da idéia de evolução nas ciências naturais. O segundo nos fala da “aceitação” da teoria da evolução. Essa “aceitação”, por seu turno, provocou uma mudança de “sentido” na natureza se tivermos como referência a antiguidade clássica. Com a consolidação do “paradigma” evolutivo, a natureza deixa de ter um movimento cíclico e passa a ganhar um percurso progressivo e espiralado, extraíndo daí a idéia de que a história nunca se repete, ou seja, aqui e ali ela é sempre nova, sem que haja, necessariamente, uma substância qualitativa nesse progresso<sup>11,12</sup>.

Collingwood<sup>13</sup> escreve sobre determinadas conseqüências trazidas pela visão moderna. Possivelmente, a principal delas é o reconhecimento da relatividade e das limitações da observação humana no que tange a natureza. Dessa forma, admitiu-se que toda atitude cognoscente diante do meio natural está condicionada às faculdades e capacidades humanas dentro de referenciais de espaço e tempo específicos, vividos por nós enquanto espécie. Isto quer dizer que os critérios de verdade da ciência são postos em xeque, haja vista que, p. ex., animais menores ou maiores, vivendo em um ritmo mais rápido ou mais lento que os seres humanos, certamente observariam e

---

o conhecimento seria apreendido pela via do pensamento. Dessa forma, praticamente impossibilitou-nos de conhecer a natureza, delegando nossa sorte à benevolência divina no que diz respeito ao êxito no estudo dos fenômenos naturais. Ademais, ao considerar o universo como grande aparelho mecânico e o Homem como parte desse universo, o século XVII marca e vem consolidar a visão mecanicista da vida.

<sup>9</sup> Ibid.

<sup>10</sup> Ibid. p. 16 *et seq.*

<sup>11</sup> Benjamim, no ensaio “Sobre o conceito de história”, critica veementemente a idéia de uma melhora qualitativa da história. Cf. In: **Obras Escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1985. Vol I. p. 222-232.

<sup>12</sup> Ainda sobre a repercussão dos ideais evolutivos para o entendimento humano na segunda metade do XIX, Cassirer (1994) atesta que a publicação da “A Origem das Espécies”, de Charles Darwin, marca a prevalência da biologia sobre o pensamento matemático que caracterizou o período moderno. A teoria da evolução parecia, então, ser o verdadeiro caráter da filosofia antropológica, de modo que os cientistas e filósofos precisavam somente colher evidências empíricas para formar o banco de dados da teoria da seleção natural das espécies.

<sup>13</sup> Ibid. p. 19



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

apreenderiam o mundo natural de formas diversas. Nesse sentido, classifica-se a natureza estudada pelos cientistas como “antropocêntrica”<sup>14</sup>.

Essa visão integralizadora da natureza atravessa a idade moderna e chega na contemporaneidade com uma outra roupagem. Nos “nossos tempos”, natureza e técnica já não encontram-se apartadas uma da outra como outrora. Pelo contrário, elas se imbricam de tal forma que até se confundem. Um exemplo característico são as patentes de organismos vivos ou manipulados pela Engenharia Genética.

Por outro lado, a noção de evolução passa a ser entendida menos a partir de um ideário de progresso qualitativo do que sob a perspectiva da multiplicação, diversificação e especialização das espécies. Kesselring<sup>15</sup> chega mesmo a afirmar que a concepção de “seleção” (natural) se distancia da idéia da sobrevivência do mais “forte” – até porque a expressão *survival of the fittest*, de Darwin, não pode ser traduzida como a prevalência do que tem mais força - e ganha uma abordagem mais próxima da estatística, levando em conta a inconstância, os arranjos e as combinações relativas a processos que dizem respeito à diversidade das variáveis que envolvem a vida das espécies.

Como se pode notar, por mais que o entendimento da “natureza” sofra transformações no seu conteúdo ao longo das duas fases da era moderna e do período contemporâneo, a sua substância fundamental parece manter-se a mesma. Essa persistência de um sentido totalizador que nos remete para a idéia de “mundo” ou “universo”, a qual, diga-se, a Filosofia e a Ciência Moderna vez por outra atribuíram o caráter de “objeto” – em contraposição ao sujeito cognoscente – talvez confie a Simmel um diagnóstico preciso.

Com esse breve “passeio” sobre as concepções que o conceito de natureza adquiriu no decorrer da história, o objetivo é problematizar em que medida é o “Homem real” que está retratado na exposição acima. Por “Homem real”, entendo o Homem do cotidiano, da concretude da vida social ou, em bom português, de “carne e osso”. Por

---

<sup>14</sup> Um fator que pode ter contribuído para esse efeito relativizador é a descoberta do “acaso” nas experimentações das ciências naturais (Kesselring, *ibid.*: 34).

<sup>15</sup> *Ibid.* p. 39



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

mais que aceite a formulação de Stein<sup>16</sup> – e a corrente a qual ele se filia, a Hermenêutica - que a Filosofia fala “do mundo” e não “sobre o mundo” e, nesse sentido, não teria sentido referir-se ao Homem tangível, o mesmo autor atribui ao ser humano a capacidade de pronunciar “enunciados assertóricos predicativos”, ou seja, para ele o que singulariza o humano é o fato de eles e elas serem operadores e operadoras de linguagem. Mesmo a partir dessa assertiva do Professor Stein, não consigo perceber onde se encontra esse ente de linguagem no corpo das definições extraídas da leitura de Collingwood e Kesselring.

Sem querer ser mal entendido, não estou afirmando aqui que gregos, medievais, modernos e contemporâneos não possuíam linguagem e que não se valiam dela para tornar a natureza inteligível. Antes disso, e para me fazer entender definitivamente, suponho que no curso de toda a exposição realizada pelos autores com quem dialogo aqui, parece não se encontrar o Homem valendo-se de uma linguagem concreta em relação a uma natureza palpável, ou seja, a idéia de “todo” impresso no conceito de natureza implica em um ser também total se relacionando com ela, o que talvez esconda a “verdadeira humanidade do Homem” que é sua relação prática com a natureza sob uma diretriz de troca e aprendizado permanente. Será que se pode dizer que Platão, Bacon, Locke ou Darwin saíram de suas casas para estudar a natureza? Ao que tudo indica, parece quase impossível filosofar sobre a natureza sem ter a idéia do todo e sem perder de vista o ser humano em uma situação de interação efetiva a qual, insisto, parece ser a forma através do qual a nossa compreensão e formação sobre este universo (dito) natural se constroem, material e simbolicamente. Em poucas palavras, sob essa diretriz totalizante, possivelmente o Homem tenha sido subtraído diante de uma “mega-estrutura” que lhe deixou órfão da face, do gesto e da atitude que lhe tornam o que só pode ser: humano.

## A IDEIA DE NATUREZA E O IDEÁRIO CIVILIZATÓRIO CONTEMPORÂNEO

De início, desejo definir porque estou utilizando aqui a denominação “ideia” e não o tão falado “conceito”. A palavra “conceito” diz respeito a um conjunto de propriedades características que satisfazem um elemento ou indivíduo concreto. Com

---

<sup>16</sup> STEIN, Ernildo. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

efeito, somos sempre levados à materialidade das coisas. Pensemos, assim, nos conceitos de árvore, carro ou cadeira. Por outro lado, quando falamos de ideia, esse caráter de representação está ausente, pelo menos de imediato. A ideia se apresenta muito mais como fio condutor de conceitos, ou seja, atua como mediador para o pensamento. Podem ser concebidos até como “regras” para esse mesmo pensamento. Portanto, não são logo universais, mas podem vir a ser futuramente. Enfim, a ideia está referenciada nas culturas nas quais foram gestadas. (Bourg, 1997)

Visto isso, passamos agora a alinhar a idéia de natureza como “lugar”, tal como foi vista aqui até o presente e o sistema de ideias que vem dando corpo às medidas, práticas e decisões civilizatórias contemporâneas.

Encontramo-nos hodiernamente diante de uma situação interessante. Já não vemos mais a natureza como o espelho de nossas atitudes, tampouco a projetamos como “lugar” isento de cuidados e responsabilidade. É bem verdade que não somos capazes de destruí-la totalmente – caso a pensemos como biosfera - mas as ações mais ou menos recentes de uma civilização industrial e tecnológica nos coloca em estado de alerta. Acredita-se até que nos tornamos, em alguma medida, “donos” dela, e, por isso, carregamos nas costas o peso de uma responsabilidade que engatinha em definir seus limites. Contudo, existe um desafio lançado recentemente para a “nossa” civilização: não somos (ou fomos) capazes de dominar, mas, com certeza, fomos capazes de destruir, em algum sentido.

Para pensar as interconexões entre natureza e civilização no centro das necessidades do mundo contemporâneo, me parece válido fazer uma referência particular à construção de barragens. Sá (2000) lembra uma tese de doutorado desenvolvida na França que apontou que o projeto da hidroelétrica de Tucuruí (Pará-Amazônia-Brasil) foi construída com base em um conceito<sup>17</sup> de natureza que excluía seres humanos. Ademais, para lembrar um imbróglio que está hoje na ordem do dia no Brasil, o discurso que embasa o projeto de construção da hidroelétrica de Belo Monte (Altamira – Pará – Amazônia – Brasil) também parece desconsiderar o princípio da

---

<sup>17</sup> Palavra empregada pelo autor.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

precaução e, conseqüentemente, da responsabilidade, apontado por Bourg<sup>18</sup> ao lembrar o trabalho de Hans Jonas e Paul Ricouer.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história In: **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 1985. Vol I. p. 222-232.

BOURG, Dominique. Natureza e técnica: ensaio sobre a idéia de progresso. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. p. 67-114

CASSIRER, Ernst. “A crise do conhecimento de si do homem In: **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994 [1944]. P. 09-43. (Coleção Tópicos).

COLLINGWOOD, R.G. Introdução. In: **Ciência e Filosofia: A idéia de natureza**. 5ª ed. Lisboa: Presença, 1986. P. 7-33.

DE CERTEAU, Michel. “Relatos de espaço” In: **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. P. 199-217.

KESSELRING, Thomas. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. **Ciência e Ambiente**. Ano III n° 5 Jul./Dez. 1992. P.19-39.

SÁ, Samuel Maria de Amorim. O imaginário social sobre a Amazônia: antropologia dos conhecedores. **História, Ciências, Saúde**, vol. VI (suplemento), 889-900, set. 2000.

SIMMEL, George. A Filosofia da Paisagem. **Política e Trabalho**. João Pessoa, v. 12, p. 15-24, Set. 2006.

STEIN, Ernildo. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.

---

<sup>18</sup> *Ibid.*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. Imaginação e matéria. In: **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1942]. P. 1-20.

\_\_\_\_\_. A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana. In: **A poética do espaço**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008 [1957]. P. 23-53.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: **A poética do espaço**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008 [1957]. P. 1-22.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

BALLÉE, William. Native views of the environment in Amazonia. In: SELIM, H. **Nature across cultures: views of nature and the environment in non-western cultures.** S.l: Kluwer Academic Publishers. P 277-288.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história In: **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política.** São Paulo, Brasiliense, 1985. Vol I. p. 222-232.

CASSIRER, Ernst. “A crise do conhecimento de si do homem In: **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana.** Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994 [1944]. P. 09-43. (Coleção Tópicos).

CESAR, Constança Marcondes. **Bachelard: ciência e poesia.** São Paulo: Paulinas, 1989. (Ensaio filosóficos)

COLLINGWOOD, R.G. Introdução. In: **Ciência e Filosofia: A idéia de natureza.** 5ª ed. Lisboa: Presença, 1986. P. 7-33.

CROSBY, Alfred. Ervas. In: **Imperialismo biológico: a expansão biológica da Europa. 900-1900.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002 [1986]. O. 133-154

\_\_\_\_\_. Animais. In: **Imperialismo biológico: a expansão biológica da Europa. 900-1900.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002 [1986]. P. 155-174

DE CERTEAU, Michel. “Relatos de espaço” In: **A invenção do cotidiano.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994. P. 199-217.

KESSELRING, Thomas. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. **Ciência e Ambiente.** Ano III n° 5 Jul./Dez. 1992. P.19-39.

LISBOA, Karen Macknow. O prazer da paisagem In: **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820).** São Paulo Hucitec, 1997. P. 87-101

MARTINS, Luciana de Lima. A pintura inquieta da paisagem tropical. In: **O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. P. 136-168

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. Biodiversidade, metamorfoses e heterogonia. In: **O descobrimento da biodiversidade: a ecologia de índios, jesuítas e leigos no século XVI.** São Paulo: Loyola, 2004. P. 85-89.

\_\_\_\_\_. Semeando diversidade na biodiversidade brasileira. In: **O descobrimento da biodiversidade: a ecologia de índios, jesuítas e leigos no século XVI.** São Paulo: Loyola, 2004. P. 91-100.

ANDERSON, Anthony; POSEY, Darrel. O reflorestamento indígena. In: BOLOGNA, Gianfranco (org.). **Amazônia Adeus.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. P. 199-210.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

SÁ, Samuel Maria de Amorim. O imaginário social sobre a Amazônia: antropologia dos conhecedores. **História, Ciências, Saúde**, vol. VI (suplemento), 889-900, set. 2000.

SALES, Breno Augusto Garcia. **Paisagens e Meio Ambiente**: um estudo das práticas e percepções dos estudantes do entorno do Parque Estadual do Utinga (Belém – Pará). Belém, 2009, 10p. (Pré-Projeto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFPA, para seleção de Mestrado em Ciências Sociais – área de concentração Antropologia).

SCHAMA, Simon. “Introdução” In: **Paisagem e Memória**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P. 13-29

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. “A paisagem como fenômeno complexo: reflexões sobre um tema interdisciplinar” In: SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da & CANCELA, Cristina Donza (orgs). **Paisagem e Cultura**: dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade. Belém: EDUFPA, 2009. P. 71-83.

\_\_\_\_\_. Qual o lugar do homem na Educação Ambiental?. S.l: s.n, s.d. Disponível em: <http://www.thropos.org.br/html/artigos/OlugardohomemnaEA.pdf>. Acessado em: 03/09/2010

SIMMEL, George. A Filosofia da Paisagem. **Política e Trabalho**. João Pessoa, v. 12, p. 15-24, Set. 2006.

STEIN, Ernildo. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.